

É preciso fazer campanha pelo domingo livre de trabalho

António Marujo, jornalista do setemargens.com

É preciso voltar a fazer uma campanha pelo domingo livre, para trabalhos e serviços que não são necessários ao domingo, defendeu em Fafe, no último debate do Terra Justa - Encontro Internacional de Causas e Valores da Humanidade, a presidente do Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos (MMTC), Fátima Almeida. Não se trata de fazer isso por causa da missa, como diz o Papa, mas “pelo encontro, pela família e os amigos, para dedicar tempo à cultura, à vida para além do trabalho”, justificou a militante da Liga Operária Católica (LOC).

A líder do MMTC, originária de Braga, foi uma das intervenientes no último debate do encontro Terra Justa, que decorreu em Fafe desde quarta-feira, 3 de Abril, até este sábado. Falando sobre o tema do debate, *Religião e trabalho*, Fátima Almeida defendeu a ideia de lutar pela “diminuição do tempo de trabalho”, remetendo para estudos que concluem que se pode “trabalhar metade do tempo que se trabalha”.

O frade capuchinho Fernando Ventura, que estava entre os que escutavam, defendeu que “é preciso redescobrir a fonte bíblica do ócio”. E o deputado e professor universitário José Manuel Pureza, outro dos participantes, referiu-se ao “descompasso entre a visão de que o Papa Francisco se faz porta-voz e a generalidade do discurso perfilhado nas comunidades cristãs”. E perguntou o que têm os cristãos a dizer em debates sobre o trabalho ao domingo; sobre a ideia de que “apoiar quem não quer trabalhar é um escândalo”, esquecendo que muitas vezes as pessoas recusam salários indignos; e sobre a luta contra os falsos recibos verdes. João Paulo II defendeu a “prioridade inequívoca do trabalho sobre o capital”, recordou, e muitos cristãos não defende isso, acrescentou.

A mesma perspectiva já tinha sido defendida no primeiro dia desta quinta edição do Terra Justa. Na sessão dedicada à homenagem à Organização Internacional do Trabalho, os líderes da CGTP, Arménio Carlos, e da Confederação do Comércio de Portugal (CCP), Domingos Barbosa,

concordaram ambos em que trabalhar ao domingo não faz sentido (exceptuando os serviços essenciais)

<https://setemargens.com/terra-justa-em-fafe-trabalhar-ao-domingo-nao-e-normal-e-nao-faz-sentido/>

Tirar trabalho é pecado grave

“Tirar o trabalho a alguém é um pecado grave” já disse o Papa Francisco, recordou o moderador, o jornalista Joaquim Franco. E Paulo Mendes Pinto, professor de Ciência das Religiões na Universidade Lusófona, afirmou, num comentário final: “A tecnologia evoluiu, deu-nos coisas inimagináveis, mas obriga-nos a não ter horários, contrariando a promessa de nos dar mais tempo para o ócio; temos documentos e leis que nos dão garantias e direitos, mas muitos jovens aceitam que a precariedade não seja posta em causa.”

José Brissos-Lino, director do mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona e colaborador do 7MARGENS, parceiro desta edição do Terra Justa, recordou que foram cristãos metodistas ingleses que, perante os abusos a que a Revolução Industrial sujeitou tantos milhões de pessoas, dinamizaram os primeiros sindicatos.

Coordenador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo, Brissos-Lino referiu ainda as duas perspectivas sobre o trabalho que se podem encontrar na Bíblia: o trabalho como maldição é a primeira, originada na expressão “comerás o pão com o suor do teu rosto”. Esta ideia ainda está muito presente na mentalidade colectiva, se pensarmos em expressões como “nunca mais é sábado”, disse Brissos-Lino. Acrescentando factores como o tempo que tantas pessoas gastam em transportes e que lhes leva mais meia jornada laboral, a remuneração injusta que “não estimula” o trabalho ou o “desenquadramento vocacional”, o trabalho pode mesmo ser visto como maldição.

A outra perspectiva é a da ideia do trabalho como realização, introduzida pelo aforismo de São Paulo “se alguém não quer trabalhar também não coma”. Esta frase é escrita num contexto em que um movimento entre os cristãos das primeiras comunidades esperava a segunda vinda de Cristo para daí a pouco e, por isso, não trabalhavam, não procriavam. São Paulo tenta contrariar

essa mentalidade, associando o trabalho à ideia de realização do ser humano, explicava Brissos-Lino.

Abdool Mangá, da Comunidade Islâmica do Porto, referiu uma passagem do Alcorão – “Os pássaros saem de manhã com a barriga vazia e regressam à noite de barriga cheia” – para dizer que a terra “tem capacidade para garantir o sustento” de todos. “O trabalho dignifica o homem” e é muito importante, no ponto de vista muçulmano. Uma das histórias do próprio profeta Maomé conta que ele não aceitou a moeda que um pedinte lhe queria retribuir depois de ter ganhado dinheiro com ela, dizendo-lhe: “Com esse dinheiro, trabalha e sustenta a tua família.”

Queremos trabalhar por 200 euros?

Questionado já no debate acerca da relação da mulher muçulmana com o trabalho, Abdool Mangá disse que as mulheres estão a “ganhar estatuto nos países muçulmanos”. Há pouco tempo, disse, havia em Portugal sete embaixadoras de países muçulmanos e apenas uma de países ocidentais, a da República Checa. “Os direitos das mulheres muçulmanas estão a evoluir mas há um grande caminho a percorrer e isso vai depender também das ditaduras que há em vários países islâmicos.”

Voltando ao universo cristão, Fátima Almeida criticou o facto de a Igreja Católica no seu todo ainda não viver os “três pilares – terra, casa e trabalho – apontados pelo Papa e que são prioridades do MMTTC apontadas como necessárias a uma vida digna”. Sente-se uma “regressão grande nas leis laborais, mas também na nossa esperança num futuro melhor”, afirmou, e o poder “já não está nas mãos dos políticos mas nas de pessoas sem rosto, o que dá uma grande insegurança a quem quer trabalhar”.

Fátima Almeida evocou os nomes de Alfredo Bruto da Costa, que morreu há dois anos e meio, investigou o fenómeno da pobreza em Portugal e era um profundo conhecedor do pensamento social católico, e do padre Abel Varzim, que foi desterrado de Lisboa para a sua terra natal, em Barcelos, por criticar a pobreza em que tantos portugueses viviam sob a ditadura do Estado Novo.

O empresário Ricardo Costa, formado em direito e que estudou teologia, criticou as instituições ligadas à Igreja

que pagam “salários vergonhosos” e que deveriam “ouvir a mensagem da doutrina social da Igreja e dos últimos papas”. Ao mesmo tempo, considerou que um dos desafios dos empresários é “que as pessoas se sintam o mais realizadas possível”.

Deolinda Machado, dirigente da CGTP e professora de Educação Moral e Religiosa Católica em Famalicão, destacou a importância do combate à precariedade e a importância de todos serem “trabalhadores activos, cumpridores, responsáveis, mas exigindo o cumprimento de direitos”, quando necessário. E apelou: “Devemos pôr-nos na pele do outro, quando criticamos pessoas dizendo que não querem trabalhar. E pensarmos que, “se não achamos que 200 euros seja um bom salário”, os outros têm direito a pensar o mesmo.

No final do debate, o presidente da Câmara de Fafe, Raul Cunha, e Paulo Mendes Pinto, assinaram um protocolo para dinamizar, nas escolas e entre os grupos de jovens do concelho – incluindo instituições religiosas e outras – o Clube Terra Justa, com a ideia de manter, ao longo do ano, o debate e iniciativas sobre os temas e as propostas do encontro internacional.